



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLA RIGHETO

(depoimento)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-792

Entrevistado/a: Carla Righeto

Nascimento: 03/02/1985

Local da entrevista: Via Skype

Entrevistador/a: Jamile Mezzmo Klanovicz

Data da entrevista: 12/07/2017

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Jamile Mezzmo Klanovicz

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 46 minutos e 25 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade handebol; Experiência como atleta de handebol; Aproximação à arbitragem no handebol; Trajetória como árbitra de handebol; Experiência em competições nacionais e internacionais; Momentos marcantes como árbitra de handebol; Pioneirismo como árbitra internacional de handebol.

Porto Alegre – São Paulo (entrevista por Skype), 12 de julho de 2017. Entrevista com Carla Righeto a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias.

J.K. – Bom, primeiramente eu quero te agradecer Carla por estar cedendo esta entrevista e para iniciar eu gostaria que tu me contasse um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte?

C.R. – Eu fiz esporte desde criança, mas na verdade eu comecei na ginástica artística. Eu fiz ginástica artística dos oito aos dezesseis anos e na minha época... Eu estou com cinquenta anos agora, e na época que eu tinha quinze, dezesseis anos quando você chegava nessa idade, na adolescência a ginástica praticamente encerrava, não é como agora com todos esses estudos e que o pessoal faz ginástica até trinta, vinte e cinco anos com excelente aproveitamento e rendimento. E dentro da ginástica foram oito anos, desde a iniciação até as equipes de competição e cheguei a participar de Campeonato Paulista, em São Paulo nós temos a equipe do Pinheiros¹ que é muito forte. E quando foi chegando com quinze, dezesseis anos eu falei “acho que a ginástica não vai dar mais para mim”. E nessa época eu treinava todos os dias, das duas as seis da tarde. Então eu comecei a procurar alguma coisa para fazer. Porque mesmo na ginástica eu tinha muita facilidade para acrobacias, mas a parte dançada da série, a parte ginástica da série eu tinha mais dificuldade. Eu falei assim “já que eu tenho tanta facilidade para acrobacia talvez eu me dê bem jogando alguma modalidade esportiva”. E na escola eu tive a oportunidade de ter excelentes aulas de Educação Física e eu jogava de tudo um pouco e nessa época eu fui apresentada ao handebol e comecei a jogar handebol na escola e recebi um convite para jogar em uma equipe que a Unicamp² estava fazendo, experimental, onde participavam... Tinha a equipe masculina, a equipe feminina e algumas faculdades faziam algumas pesquisas e foi nesse momento que eu comecei a jogar o Campeonato Paulista e depois eu recebi um convite para participar da equipe de Guarulhos³, na época até fui para o Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo⁴ jogando Copa Brasil de Handebol. E o handebol começa

¹ Esporte Clube Pinheiros.

² Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

³ Equipe com nome sujeito a confirmação.

⁴ Município do estado do Rio Grande do Sul.

na minha vida com dezessete anos, mais ou menos, dezoito anos e eu segui no handebol, a ginástica acaba sendo... O começo dos meus trabalhos profissionais foi na ginástica e comecei a jogar handebol nessa época, com dezessete anos, dezoito anos.

J.K. – E depois dessa faixa etária tu continuou jogando handebol, depois da escola?

C.R. – Então, eu entrei na faculdade, fui fazer Educação Física e nessa época eu jogava pela Unicamp, depois fomos jogar por Guarulhos aí eu não me recordo bem, mas eu acho que joguei handebol até uns vinte e cinco, mais ou menos.

J.K. – Em algum momento tu chegou a atuar como técnica de handebol em algum clube?

C.R. – Não atuei como técnica, de forma alguma, porque como eu vinha da ginástica, me formando na Educação Física eu fui trabalhar com iniciação da ginástica artística no município de Americana⁵ e continuava jogando handebol até os vinte e cinco anos. Nessa época e na época que eu comecei a jogar handebol eu fui participar de Jogos Regionais, não sei se no Rio Grande do Sul também é assim? Jogos Regionais, Jogos Abertos entre as cidades?

J.K. – Sim.

C.R. – E tinha uma dupla de meninas apitando, eu falei “nossa, mulher pode apitar, se der aqui também quero” [riso]. E eu fiz um curso de arbitragem na faculdade mesmo, eu jogava pela Unicamp e fui fazer o curso de arbitragem na Federação Paulista de Handebol, eu estava com dezoito, dezenove anos, mas o objetivo era trabalhar com crianças nos finais de semana, em campeonatos escolares, em campeonatos da Federação (mirim e infantil) e ganhar uma grana para ajudar a pagar a faculdade. Então eu iniciei na arbitragem porque eu jogava e comecei apitando jogos de crianças e categorias menores na Federação, mas com o objetivo de ganhar uma grana para ajudar nos estudos.

J.K. – Sabe me dizer que ano foi esse curso que tu fez de arbitragem?

⁵ Município do estado de São Paulo.

C.R. – Olha... Se eu errar eu erro por pouco, mas deve ter sido em 1987 mais ou menos, 1986, 1987. Porque eu me forme em 1988, eu não lembro se eu fiz o curso no último ano da faculdade ou em 1987, no segundo ano, no terceiro ano de faculdade.

J.K. – E esse curso que tu fez, já haviam outras mulheres que estavam fazendo?

C.R. – Tinha, tinha bastante meninas fazendo o curso de arbitragem, poucas seguem não é, mas tinha bastante menina fazendo. Até a minha orientadora estava fazendo, porque na época ela jogava handebol no time da Unicamp e a gente fez o curso junto. Eu segui e as outras meninas não seguiram, mas tinham de várias cidades não sei dizer para você quantas seguiram desse curso.

J.K. – E todas elas tinham uma relação com o handebol? Como jogadoras, envolvimento com a modalidade?

C.R. – As que eu conhecia tinham. Tinham relação por serem jogadoras ou relação por que faziam Educação Física. Porque muita gente começa na arbitragem para trabalhar em eventos em final de semana e não porque acha que vai virar árbitro, ninguém vai fazer um curso e fala “eu vou virar árbitro”, não é uma coisa tão comum, antigamente pelo menos não era.

J.K. – E tu podes me contar um pouco como era esse curso? Tinha parte teórica, parte prática? Como que ele foi?

C.R. – O curso, não lembro bem, eu tenho ainda alguns registros dele, mas eu me lembro parece que foram umas quarenta horas e nós íamos a São Paulo duas vezes na semana para fazer o curso. Ele tinha uma parte teórica e uma parte de prática, então você passava por todas as regras discutia um pouco todas as regras, depois você ia para quadra para aprender a mecânica da questão prática do jogo, tinha as súmulas, você assistia os jogos, você preenchia as súmulas de jogos. Eu não lembro bem, mas eu acredito que tenham sido umas quarenta horas de curso.

J.K. – E quanto tempo tu chegaste a atuar como árbitra de handebol?

C.R. – Eu parei faz três anos [riso].

J.K. – [Riso] Pois é, faz pouco tempo.

C.R. – Eu fiquei acho que uns vinte e cinco anos em quadra. Uma vida não é?

J.K. – É, a minha idade [risos].

C.R. – O que você tem de idade eu tenho de quadra.

J.K. – Pois é [risos]. E sempre que tu apitou foi sempre com uma dupla fixa?

C.R. – Não. Quando eu comecei apitando, eu comecei trabalhando em categorias menores e na época eu ainda jogava. Então quando você joga restringe bastante o campo de atuação, porque você está vinculada ao clube. E teve um tempo, eu lembro que o meu chefe do trabalho falou assim para mim: “olha, você tem que escolher: ou você joga handebol ou você trabalha”. Porque tinha campeonatos e a gente viajava uma semana e foi onde eu acabei parando de jogar, por volta dos meus vinte e cinco anos, e nessa época eu tinha prestado concurso para trabalhar na Prefeitura de Campinas que é onde eu moro, Campinas abriu concurso e eu optei por trabalhar na Educação porque eu achava que o esporte não tinha muito respaldo, não tinha muitas possibilidades de crescimento profissional então eu fui para Educação, e foi uma escolha acertada, porque eu acabei trabalhando na escola, sem vínculo nenhum com nenhum clube, e isso me propiciava ter os finais de semanas livres, eu escolhi minha carga horária na escola para que eu pudesse ter mais disponibilidade para oferecer à Federação para que a Federação me escalasse. Então eu comecei a apitar com várias pessoas, a gente sempre começa a apitar com várias pessoas, hoje eles estão mudando um pouco isso, o que eu acho errado, não concordo. Eu passei a ter uma dupla fixa quando eu prestei o curso para Nacional, quando você presta o curso para nacional aí é obrigatório que você tivesse uma dupla fixa. E no final eu estabeleci a dupla com a Silvana⁶ e a Silvana ela foi a menina que eu vi apitando na época, nos Jogos

⁶ Silvana Maria Silva.

Regionais. E ela tinha... Não sei, mas acho que uns três anos a mais de arbitragem do que eu. E na época a Silvana era muito respeitada na arbitragem e como a gente não tinha duplas fixas e a Silvana mora em Santo André, a Silvana fazia muitos jogos na Federação e eu morando em Campinas tinha mais dificuldades de deslocar para São Paulo. Só que a Silvana sempre apitava com várias pessoas, eu também como várias pessoas, mas quando a gente apitava junto encaixava muito bem o jogo. E quando a gente decidiu fazer o curso nacional a Silvana já era árbitra nacional e ela aceitou fazer o curso novamente comigo, não ia mudar a categoria dela, mas para que a gente estabelecesse... Na Confederação Brasileira tinha que fazer novamente. Então a Silvana fez comigo o curso e a gente estabeleceu na Confederação a partir desse momento.

J.K. – E que ano foi esse curso da Nacional?

C.R. – Acho que 1998.

J.K. – 1998?

C.R. – Não, 1990... Ai, eu tenho as datas marcadas, mas depois se você necessitar bastante eu procuro com tempo. Eu... Deixa eu fazer uma conta aqui, acho que foi 1996.

J.K. – 1996?

C.R. – Foi dez anos depois que eu tinha feito o curso na Federação Paulista.

J.K. – Sim. E nessa Nacional tinham outras duplas de mulheres também?

C.R. – Tinha, porque a Confederação, ela faz vários cursos nacionais em vários estados, isso eu não sei [trecho inaudível], mas que você passa a fazer parte do grupo. Porque você passa, em São Paulo, por exemplo, você entra como estagiário, aí tem três categorias regionais. Quando você ascende à última categoria, você pode prestar para Nacional, então isso facilita que você trabalhe em campeonatos da Confederação, mas possibilita também que a sua taxa seja maior no jogo. Então muitas pessoas se submetem a prova para ter

possibilidade de receber uma escala e também porque recebe mais. Se bem que o handebol é muito baixa a taxa que você recebe para fazer um jogo.

J.K. – E dentro das categorias, tem a categoria regional, nacional e a internacional de arbitragem?

C.R. – Sim, você tem a categoria regional, que você precisa fazer o curso da Federação Paulista. Você tem a categoria nacional, que também tem duas ou três graduações: árbitro A, B ou C. E depois você precisa ser indicado pela Confederação para fazer o curso internacional. Existe também uma categoria se você, por exemplo, conseguir trabalhar na Pan-Americana, então você pode trabalhar somente nos campeonatos Pan-Americanos.

J.K. – Certo. E tu chegou a ser indicada pela Confederação?

C.R. – [Riso] Cheguei, eu sou... Finalizei como árbitra internacional.

J.K. – Que bom! Em relação às competições que tu já participou, tanto como jogadora, quanto como árbitra. Como é a presença do público?

C.R. – Eu vou voltar um pouquinho para você entender um pouquinho o processo tá?

J.K. – Sim.

C.R. – Quando... Vou tentar ser breve porque a história é longa, vou precisar de várias conversas [riso]. Quando eu e a Silvana fixamos dupla, a gente começou a fazer muitos jogos e a gente teve a oportunidade de trabalhar no campeonato adulto, masculino e feminino em São Paulo. E o campeonato adulto em São Paulo era o melhor campeonato brasileiro. Na época jogava Guarulhos, Pinheiros... Tinham equipes fortes jogando. E a gente trabalhou muito no ano de 1996 e trabalhamos muito bem e a gente tinha um chefe de arbitragem que bancou escalar a gente para a final do Campeonato adulto masculino naquele ano, então era a primeira vez que uma dupla de meninas fazia uma final de um campeonato adulto em São Paulo, foi no Pinheiros, e seriam três jogos, nós estávamos escaladas no primeiro e no terceiro, e o engraçado dessa história é que mesmo ele

bancando essa situação ele deve ter pensado: “eu vou colocar as meninas no primeiro jogo tem o segundo jogo...”, mas todo mundo achava que Guarulhos ia fazer dois a zero no Pinheiros porque na época Guarulhos estava muito bem e ai Guarulhos ganhou realmente do Pinheiros, como era esperado, mas perdeu em casa e éramos nós no terceiro jogo, coisa que ninguém esperava [risos], ter o terceiro jogo. E esse jogo foi a primeira vez que a ESPN⁷ passou um jogo de handebol então a gente estava como a primeira dupla feminina a fazer uma final do masculino, a primeira vez que o handebol estava sendo passado na TV e por *sorte* o presidente da Confederação assistiu ao jogo e estava seis meses depois vindo um curso para o Brasil, internacional. E o presidente da Confederação mandou por escrito para São Paulo, “quero que as meninas de São Paulo façam o curso internacional”, só que para isso a gente precisava estar indicada entre as três duplas que fariam o curso internacional. A gente foi para o pré curso no Rio de Janeiro, tinham dois árbitros do Rio Grande do Sul - duas duplas do Rio Grande do Sul-, duas duplas de Santa Catarina, duas de São Paulo, duas do Rio e duas do Paraná. Eram dez duplas, vinte árbitros, e três duplas seguiriam para Curitiba, Praia do Leste, para fazer o curso internacional. E éramos só nós duas e a gente pontuou em segundo lugar no curso e a gente foi. E quando nós fomos para o curso internacional que era o Pan-Americano Júnior, feminino e masculino, passamos nós, passou uma dupla de Santa Catarina e uma dupla do Rio Grande do Sul. E nós até estranhamos porque a gente achou que como o curso era no Rio e o Pan-Americano era no Paraná: “ah só tem uma vaga, porque vão indicar alguém do Paraná e alguém do Rio” [risos], mas foi o pessoal do Rio Grande do Sul, nós e o pessoal de Santa Catarina. Só que quando nós chegamos lá tinham duas duplas da Argentina, uma do Chile, uma do Uruguai e uma do Paraguai. E nesse momento a gente não dependia mais de número de vagas, você precisava pontuar com média oito. E aí deu tudo certo a gente passou à Internacional em 1997. Aí depois de 1997, de 1997 a 1999, eles foram... É uma coisa que a gente sempre ouviu, mas eu nunca fui atrás para saber, que... Primeiro que eles se surpreenderam porque nós éramos uma dupla de mulheres fazendo o curso internacional. Já tinha uma menina que era árbitra internacional na Argentina, mas ela fazia dupla com um rapaz. Eu não me lembro, mas acho que não tinha nenhuma dupla na internacional de mulheres, tinham meninas apitando com meninos, mas eu nunca chequei essa informação para ver se a gente foi realmente a primeira dupla de mulheres. E também eles estavam um pouco apreensivos

⁷ Rede de TV por assinatura dedicada à transmissão e produção de programas esportivos.

em aprovar a primeira dupla. Nesse momento eles... Nós passamos dois anos assim, eles cuidando bem para apresentar a gente [riso], porque são duas mulheres começando. Então a gente fez Sul-Americano, Pan-Americano, fizemos bastante campeonatos porque tinha algumas exigências para você trabalhar pela Internacional, primeiro tem que dominar o idioma inglês, francês e o alemão. Segundo que quando você chega nos campeonatos você chega uns três dias antes, passa por um teste físico e por umas provas teóricas, então se você não passar você vinha embora. Então como eles aprovaram uma dupla de meninas ele foram colocando um pouco mais de experiência para gente em Pan-Americanos até a gente ter a oportunidade de ir para um Mundial. A gente foi em 1999 para China no Mundial Júnior⁸. No mesmo ano a gente participou do Mundial... O Mundial Júnior na China foi em julho e no mesmo ano a gente foi para o Mundial adulto feminino na Noruega e Dinamarca, os dois países faziam o campeonato. E depois em 2001 nós fomos para um Júnior masculino. Então as três experiências internacionais que nós temos assim, que mais... Mais importantes, foram o Júnior feminino, o Júnior masculino e o Adulto feminino. De 1999 a 2001.

J.K. – Certo. E tu saberia me dizer, quais foram ou quem foi a primeira árbitra de handebol do Brasil? Mulher árbitra.

C.R. – Olha, eu não sei dizer porque eu não sei quem foi a primeira árbitra de handebol mulher do Brasil, mas eu posso te afirmar que a Silvana, que fazia dupla comigo, foi a primeira nacional. Tanto foi a primeira nacional que ela foi reprovada nos dois primeiros cursos e ela foi reprovada porque o professor do curso falou para ela “eu não tenho aprovação para aprovar uma mulher, eu não tenho essa autorização”. A Silvana tinha as melhores notas, a Silvana tinha o melhor desempenho tanto na parte física/prática como nos testes físicos. Ela foi fazer o curso com outro árbitro de São Paulo e eles não aprovaram a Silvana. Não aprovaram e fizeram essa fala, que não aprovariam porque aprovando a Silvana estariam aprovando a primeira mulher na Confederação Brasileira de Handebol. Tanto é que depois de uns anos a Silvana foi fazer novamente, porque o curso foi em São Paulo, e ela falou: “vou fazer por fazer, porque não vão me aprovar mesmo”, mas tinha dado números ímpares em São Paulo e ela: “vou contribuir porque tem um

⁸ Campeonato Mundial Júnior de Handebol.

árbitro sem dupla”. E ela acabou fazendo, acabou sendo aprovada e depois a Silvana abriu portas para várias meninas poderem fazer o curso na Confederação. Então no Brasil assim em termos de quem foi a primeira árbitra eu não sei te dizer, mas a primeira árbitra registrada na Confederação foi a Silvana.

J.K. – Certo. E no início da tua carreira como árbitra tu sentiu alguma dificuldade?

C.R. – Olha, eu não senti dificuldade porque quando eu fiz a gente já tinha a Silvana apitando, tinha a Maria Fazzani⁹ apitando em São Paulo. Tinha algumas meninas apitando em São Paulo. São Paulo sempre teve bastante meninas apitando. O que você percebe a dificuldade é de te colocarem nas decisões “né”, dos campeonatos adultos masculinos, nos campeonatos... Finais de campeonatos. Então você tinha uma dificuldade de uma aceitação não de... Da questão de atletas, mas sim de dirigentes de escalarem mulheres para fazerem as finais dos campeonatos masculinos, nesse sentido sim, a dificuldade do outro lado não, porque a gente trabalhava com todas as outras categorias menores, infantil, júnior, trabalhava o campeonato inteiro com eles, tinha muitas meninas trabalhando em São Paulo, então a gente não tinha... Tudo que é novo estranha um pouco infelizmente. A gente tem até uma passagem interessante, que a gente passou para internacional e a gente foi trabalhar nos Jogos da Juventude, e esses Jogos da Juventude foi, eu acho que foi Goiás, e na época a gente tinha acabado de passar para internacional e a gente era as árbitras teoricamente mais graduadas ali. E esse campeonato como é um campeonato que vai o Brasil inteiro jogar, um professor do Nordeste chegou para o responsável pela arbitragem e falou assim “você vai pôr duas meninas para apitar? Você acha que elas vão segurar o jogo?”. [Riso] E a gente já fazia adulto masculino em São Paulo, já fazia Pan-Americano, mas ele nunca tinha visto. Aí o professor na época responsável pela arbitragem falou assim “não, pode deixar que as meninas dão conta”. Eu acho que é juvenil os Jogos da Juventude “né”?

J.K. – Sim.

⁹ Maria Isolina Fazzani.

C.R. – Aí no final do jogo ele falou: “elas foram bem e tal”. [Risos] A gente já era *internacional*, e os outros árbitros que estavam com a gente lá eram *nacionais* e *regionais*, mas ninguém conhecia porque ninguém coloca muita fé, porque ninguém nunca tinha visto no Nordeste mulheres apitando. Então tem algumas passagens engraçadas.

J.K. – A deve ter muitas histórias como essa [risos].

C.R. – Tem, tem bastante história.

J.K. – E o handebol assim como um esporte olímpico, como que tu vê a participação do Brasil? Tanto das equipes masculinas como as femininas?

C.R. – Olha, eu não sou da área técnica então fica difícil avaliar um trabalho que não sou eu que faço, então qualquer coisa que eu fale é uma avaliação pessoal, mas não muito informada em termos de tudo que acontece no campo técnico, ainda mais agora que fazem três anos que eu parei de apitar. O problema é com todos os outros “né”, que esportes acontecem? A gente não tem uma política esportiva no país. Então a gente joga um Campeonato Paulista com seis equipes, se você for pensar você tem duas equipes de alto rendimento que são fortes, outras equipes que compõem o campeonato, mas que você sabe que não são jogos tão disputados. E tem bastante criança jogando handebol, pelo menos no estado de São Paulo, acredito que no Paraná, Santa Catarina, também tenham muitas crianças jogando. Mas aí não tem a continuidade, não tem a continuidade que não tem apoio. Não tem apoio, não tem verba para transporte, verba para alimentação, verba para campeonato. Quando a criança chega à adolescência com seus dezesseis anos ela tem que decidir se ela vai trabalhar ou se ela vai jogar, porque ela não tem esse apoio. E aí o handebol brasileiro acaba tendo alguns espaços e conquistando alguns espaços porque as meninas vão jogar fora. Então se você pegar a equipe que foi campeã mundial, praticamente todas jogavam na Europa e quando você vai para Europa além de você ter a cultura esportiva e o handebol ser muito forte na Espanha, ser muito forte na Dinamarca, Noruega, eles têm campeonatos *fortes* o ano inteiro, então você imagina, você treinar em uma equipe que em um dia você tem jogo com a Áustria, no outro dia você tem jogo com a Alemanha, no outro dia com a França, com a Espanha, com a Dinamarca, com a Noruega. Todos são jogos muito bons! Então quando você tem a possibilidade de treinar em uma

equipe de alto rendimento e você joga o ano inteiro partidas de qualidade... Então a tendência é você melhorar, você desenvolver, você evoluir porque você participa de campeonatos bons o ano inteiro. A gente teve o masculino também com um crescimento muito bom, porque veio o Jordi¹⁰ que é um espanhol que fez vários trabalhos de acampamentos, encontros com técnicos, mas essa semana eu estava lendo que os campeonatos juniores que tem, não tem verba ainda, estão inscritos e não sabem nem se vão. Então você não tem uma política, mesmo a Confederação... Eu desconheço, mas acredito que a Confederação acaba investindo nas... Na parte de treinamento das equipes adultas, mas você não vê um trabalho de apoio nas equipes de base. Então acho que o mérito do crescimento da modalidade foi porque muitas estão jogando na Europa.

J.K. – E a presença de mulheres na arbitragem nessas competições como, por exemplo, os Jogos Olímpicos?

C.R. – Eles estão abrindo espaços, mas eles abrem espaço, mas ainda é muito cedo para gente, a gente ainda não tem uma igualdade, ainda vai demora muito para gente ter uma igualdade, porque quando nós fomos para o júnior masculino a gente fazia muitos jogos masculinos e eles bancaram a nossa ida, éramos nós, em trinta e dois árbitros e dezesseis só tínhamos nós duas e mesmo assim eles esperaram a terceira rodada do campeonato para escalar a gente para quando as equipes... Quando os grupos já estivessem mais ou menos definidos quem estava ganhando, quem estava... Porque eles não confiam, eles não apóiam. Então o trabalho das meninas é sempre mais difícil porque você briga por um espaço onde eles não te dão tantas oportunidades, mas não te dão tantas oportunidades em jogos bons. No nosso caso é mais difícil ainda porque o Brasil não tem tradição, então a gente tem uma dupla que eu acho que trabalhou nas Olimpíadas do Rio que são duas meninas, são duas irmãs francesas, mas aí os dirigentes da França e a França sendo forte no handebol acabam puxando a arbitragem para que elas também trabalhem e mesmo assim elas acabam trabalhando nos jogos femininos, é bem complicado, como tudo não “né”? Então... Eu não sei avaliar para você se as coisas vão melhorar e estão mudando, ou se nós ainda estamos muito aquém do que deveria estar, porém as oportunidades aparecem, mas ainda são poucas e quando aparecem, aparecem mais para campeonatos femininos. Hoje a Federação

¹⁰ Jordi Ribera Romans.

Internacional tem um grupo de meninas em campeonatos, mas como eu estou fora eu desconheço se nos últimos campeonatos masculinos convocaram alguém feminino para trabalhar. Então você luta contra a sua nacionalidade e você luta contra a questão de você ser mulher tentando entrar em um espaço que é dominado por homens a muito tempo. Então se eu for pensar que eu fiz o curso em 1999 e 1999 era a primeira dupla, então eu não sei até que ponto nós deveríamos estar melhor ou não. O problema é que precisava mudar também os dirigentes, mas eles são um tanto quanto eternos, nas funções [risos]. Eu acho que no Brasil a gente sabe muito bem disso. O Manoel¹¹ no handebol, acho que trinta anos, nem sei direito quanto tempo, Oraci¹² e todos os outros, eles são eternos “né”. E eles precisam mudar também, não só o pessoal que trabalha, mas a mentalidade, precisa mudar tudo, é um trabalho doloroso. Mudando um pouco e continuando nessa pauta que são os espaços das meninas, quando eu fiz a minha dissertação eu queria entrevistar os árbitros FIFAs¹³, e eu descobri que tinha uma menina FIFA em São Paulo e ela não apita, e eu perguntei para ela “você não apita por quê?” e ela falou: “eu não apito porque o diretor de árbitros é um coronel” [risos], tanto é que depois eu liguei para ela e perguntei: “tem certeza que eu posso perguntar isso?” E ela: “pode, é verdade”. Então ela tem a graduação FIFA em São Paulo, ela passa pelos mesmos testes que os meninos passam, mas ela *não é* escalada nos campeonatos... No campeonato masculino de futebol. Aí fica complicado, porque se você tem os mesmos testes, as mesmas provas e não te escalam. Então não tem outra... Outra coisa, é a questão do gênero para você pensar.

J.K. – Com certeza! Bom, o que eu tinha para te perguntar era basicamente isso, teria mais alguma coisa que tu gostaria de colocar que eu não te perguntei?

C.R. – Não, eu estou respondendo, acho que atendendo as tuas perguntas aí. Fica a vontade... Eu acho legal eu comentar um pouco do meu trabalho. Eu volto para universidade um bom tempo depois porque eu queria entender essa loucura de... Não existe jogo sem árbitro e ninguém quer a gente ali. Então, nossa, se você chegar em um jogo e o árbitro não está não tem jogo, mas se pudessem tirar o árbitro do jogo eles tirariam. E durante o meu tempo de arbitragem eu passei a ver que isso é uma constante em todas as

¹¹ Manoel Luiz Oliveira.

¹² Nome sujeito à confirmação.

¹³ Federação Internacional de Futebol.

modalidades. No futebol, no basquete. Eu falei: “estou parando de apitar, preciso registrar minha experiência de vinte e cinco anos de quadra, vou tentar entender um pouco dessa loucura”. E foi onde eu voltei para universidade para fazer o mestrado, eu brincava que eu queria me divertir [riso], “a ninguém se diverte fazendo mestrado.” Eu falei: “não, divertir no sentido de que vou estar fazendo uma coisa que eu estou muito afim de fazer”. Eu não me encaixaria em uma caixinha de orientador, porque eu voltei para isso, para estudar sobre isso, se não fosse para estudar isso eu não iria fazer, porque eu não tenho nenhuma pretensão de... Não tinha e continuo não tendo nenhuma pretensão de vida acadêmica, mas eu acho que foi interessante isso, eu quis estudar essa violência que a arbitragem sofre. E no meu trabalho eu vou buscar tudo sabe? A violência porque não te dão apoio, a violência porque cada árbitro se vira e cada árbitro tem que estudar, ele tem que se preparar fisicamente, ele que tem que investir nos cursos que ele faz, ninguém te apóia. Você passa violência de torcedor, de dirigente, de atleta. Você passa a violência no caso, eu descobri da menina de São Paulo, pelas questões dos espaços para as mulheres. Você passa violência da mídia. Então a idéia foi justamente essa, buscar entender um pouquinho dessa loucura e como eu fiz pelo futebol, porque no handebol eu não iria achar nenhuma referência, eu acabei seguindo para o futebol e te surpreende ainda mais porque mesmo futebol, Federação Paulista, Confederação Brasileira, tendo a verba que tem, eles são sozinhos, eles têm que se virar, eles fazem as coisas, eles recebem “existe um departamento físico”, não, não existe! Existe um cara que faz uma planilha lá e fala “e você quiser treinar você treina, depois você vai passar por essas avaliações”. Então o quanto a gente está longe do que seria o ideal para que o esporte desenvolvesse nesse tripé de questões técnicas, dirigentes e arbitragem. Então... Os espaços das meninas tendem a ser mais difíceis ainda, porque hoje a gente já consegue ver algumas meninas trabalhando de assistente, na bandeira, mas para entrar em campo você precisa ter uns padrinhos fortes, você precisa brigar para que você tenha esses espaços, o que mais me incomoda é você se sujeitar aos mesmos testes, as mesmas avaliações e mesmo você sendo aprovada você não ter esses espaços. Então é diferente, “a menina não corre”, não a menina corre, ela provou que ela corre, mas ela não tem esses espaços. Então, se você precisar de mais alguma informação você me passa.

J.K. – Sim, pode deixar, eu vou entrar em contato.

C.R. – Você tinha mandado um roteiro aqui, se você perguntou tudo aqui do seu roteiro, mas se você precisar de mais alguma coisa, você me fala.

J.K. – Eu perguntei tudo, mas qualquer coisa eu entro em contato contigo de novo. Agora eu só vou transcrever a entrevista e eu te envio ela. Caso tenha mais alguma pergunta, mais alguma coisa que surgir eu coloco na entrevista.

C.R. – Tá. Se você quiser depois assim, se for interessante para você, mais se você não estiver muito... Não sei, você tem prazos para esse trabalho?

J.K. – Não. No momento não.

C.R. – A gente tenta conseguir uma entrevista com a Sil.

J.K. – Isso que eu ia te perguntar, tu tem o contato dela?

C.R. – Tenho, a Silvana é amiga, com tantos anos em quadra junto, com a família com tudo, a gente se vê sempre. Então a gente tem espaço sim, para conversar.

J.K. – Então ta. Se tu puder me passar o contato dela.

C.R. – A Silvana não é muito de... Eu te passo por telefone?

J.K. – Pode ser.

C.R. – É uma hora a gente agenda, porque ela vai falar “ai Carla, uma hora que eu estiver com você a gente faz o *Skype*, para eu conversar com a Jamile”, buscando essa coisa de *Skype*, de coisa mais velha ela é super tranquila, acho legal você ouvir a Sil. E esses espaços ai de... Espero que você tenha sucesso no seu trabalho.

J.K. – Muito obrigada!

C.R. – Diz que sucesso é sorte com muito trabalho junto não é?

J.K. – É, bastante [risos].

C.R. – E depois você me conta quem você entrevistou para ver se eu conheço alguém.

J.K. – Sim, pode deixar, conto sim. Foi um prazer!

C.R. – Eu tenho uns amigos ai do Rio Grande do Sul da arbitragem.

J.K. – É? Quem? Talvez eu até já conheça.

C.R. – Eu conheci ele por Deco¹⁴, mas ele apitava na época que eu apitava. Não sei se hoje ele tem algum...

J.K. – Deco? Não, esse eu não conheci. Tem o professor Capi, que é o Jorge Brandli¹⁵, não sei se tu conhece?

C.R. – Conheço, conheço.

J.K. – Inclusive foi ele um que te citou.

C.R. – Ele ainda está atuando?

J.K. – Sim, ele atua ainda, mas só como árbitro aqui do estado.

C.R. – Conheço ele sim. Eu acho que ele estava comigo no Rio e Janeiro nessa época.

J.K. – Acho que sim.

¹⁴ Giovan Amaral.

¹⁵ Jorge Luiz Brandli Fernandes.

C.R. – Ele estava comigo e acho que estava o Deco, era a dupla dele. Tinha... Que estava no Rio. Eu tenho o nome dos meninos aqui, não sei se você conhece dos outros estados, Santa Catarina, do Paraná?

J.K. – Não, esses eu não conheço.

C.R. – Tem uma dupla do Paraná, de meninas, que está na Confederação e eu não sei se elas já prestaram prova para Internacional. Se elas prestaram elas devem estar atuando, então também é interessante buscar.

J.K. – Tu sabe o nome delas?

C.R. – Eu não sei, mas não é difícil eu pegar a lista de árbitros que estão atuando. Eu não sei se no site da Confederação você acha quem são os árbitros nacionais?

J.K. – Não consigo achar. Já procurei pelo site e não tem nada, nenhuma informação de arbitragem.

C.R. – Tá, eu vou... Porque tem árbitros que continuam atuando, então eu vou pedir essa informação para eles daí eu te passo.

J.K. – Tá certo, muito obrigada!

C.R. – Tá bom?

J.K. – Tá bom então, muito obrigada pela entrevista Carla, qualquer coisa eu vou entrar em contato contigo daí.

C.R. – Pode entrar sim, a gente tarda mais não falha.

J.K. – Tá certo [riso].

C.R. – Eu estava correndo para implantar um projeto na escola, então no tempo livre eu estava correndo atrás dessas coisas. Eu disse: “deixa eu pensar com calma, essa coisa que conversar com horário não dá muito certo não”.

J.K. – Sim! Ainda mais tu que tem vinte e cinco anos de história, tem muita coisa para contar.

C.R. – Nossa, tem viu? Tem muita história para contar. Mas acho que a base você já tem.

J.K. – Está certo então.

C.R. – Eu queria te falar, quando você fala de oportunidades... Isso eu vou te falar assim, sem poder te provar, mas quanto mais dinheiro envolvido, menos te dão oportunidades. Quanto menos dinheiro envolvido... Então é mais fácil você ter essas oportunidades. Então você percebe que nas categorias menores tem muitas meninas apitando. E fazendo bons trabalhos, bons trabalhos com as equipes mirins, infantil, juvenil, júnior. Quando você começa a chegar em um grupo seletivo que é o grupo do adulto, dos campeonatos principais das Federações, que é onde paga mais, onde o jogo é transmitido pela “TV”, aí eles vão te podendo, porque eles não te deixam chegar ali naquele grupo que eles acabam politicamente sendo a nata. Então essa comparação eu não tenho como afirmar para você porque eu não fui pesquisar isso, mas você pode ver, por exemplo: quantas meninas fazem a final do vôlei? Quantas meninas fazem as finais do basquete? Quantas meninas fazem do futebol? Mas, quantas meninas tocam o campeonato? Então elas tocam o campeonato, elas trabalham, muitas trabalham no campeonato, mas chega na hora de chegar nas finais... Por isso que a gente acha que “trabalhei e estava no lugar certo”, porque quando a gente vai para a primeira final de Campeonato Paulista adulto, é porque o diretor de árbitros bancou “vou escalar uma dupla feminina”. Então é essa visão que nós temos. Se você pegar a lista de meninas que trabalham, eu acho que devo ter uma lista de meninas que trabalham em São Paulo eu te mando, então são muitas meninas que tocam o campeonato, mas as finais e as semifinais eles reservam só para eles. Ta bom? [celular da entrevistada toca].

J.K. – Está certo.

C.R. – Um dia a gente chega lá.

J.K. – Tá “ok” então, muito obrigada por toda a informação Carla. Foi ótimo ouvir um pouquinho da tua história.

C.R. – E a hora que você precisar você pode me chamar que a gente agenda um horário. E assim, eu não tenho nenhuma bandeira em relação às meninas. Eu só penso que as coisas... Se existem avaliações, depois delas você tem que colocar quem está melhor. Essa é a bandeira que eu defendo. Eu defendo... Nesse campeonato masculino, que a gente foi na Suíça, a gente pontuou em terceiro lugar nas avaliações e mesmo assim eles não colocavam a gente enquanto eles não soubessem quais são as equipes que estavam melhores. Então você passa por testes físicos, por avaliações teóricas e depois que você pontua mesmo assim eles te barram. Então... Tem muita menina ruim apitando também. Obrigada pela lembrança, manda abraço para a Silvana¹⁶ também.

J.K. – Mando sim, pode deixar. Obrigada pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁶ Silvana Vilodre Goellner, coordenadora do Projeto Garimpando Memórias.